

O “TEMPO DA ROÇA”: TRABALHO, COTIDIANO E MEMÓRIAS DE MIGRANTES NA REGIÃO CACAUEIRA

Priscila Santos da Glória
Mestranda em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
E-mail: priumani@yahoo.com.br

Palavras-chave: Trabalho. Cotidiano. Migrantes. Memórias.

Isso eu nem lembro mais, aiai isso nem ta na minha mente mais (...) com todos problemas que vivo hoje não lembro de mais nada (SANTOS, 2010, Entrevista).

O artigo busca discutir como os migrantes que chegaram a Itabuna na década de 1980 rememoram o “tempo da roça”, temporalidade expressada e/ou silenciada nas memórias dos migrantes, que não compreende um tempo cronológico, mas um tempo significado pelos ex-trabalhadores rurais. O texto perseguiu as seguintes problemáticas: Qual a relação entre trabalho e cotidiano nas memórias dos migrantes? O quê ocasiona a recusa de alguns entrevistados em lembrar o “tempo da roça”? E como eles significam o tempo do trabalho rural?

O fragmento acima integra o depoimento de dona Marinalva, hoje com 64 anos de idade, migrante da zona rural do município de Uruçuca, na região sul da Bahia. É conhecida por todos no bairro Maria Pinheiro, na cidade de Itabuna, onde mora há mais de trinta anos, e nos bairros circunvizinhos como “Marinalva parteira” por ter “colocado no mundo” muitas crianças, os quais segundo ela há muito tempo perdeu as contas.

Dona Marinalva nasceu na cidade de Itabuna, mas com apenas três meses de idade foi morar em Jacareci, zona rural do município de Camacan, onde passou a infância com sua família e aprendeu logo cedo o “serviço de roça”. Já viveu também no município de Itapebi, e de lá foi para zona rural de Uruçuca, como ela mesmo diz: “sempre trabalhando em roça” (SANTOS, 2010, Entrevista).

A referida fala trata-se do “tempo da roça”, do qual dona Marinalva diz no início da entrevista não se lembrar. O depoimento foi cedido por ela na sala de sua casa. Quando estive pela primeira vez com dona Marinalva, ela não demonstrou interesse em conceder a entrevista, porém quando expliquei que se tratava de uma pesquisa sobre os primeiros

moradores do seu bairro, aqueles originários das zonas rurais, ela aceitou “contar” a sua história.

No entanto, no início da entrevista, ela ainda demonstrava certa resistência em recordar o seu passado, explicou que vinha enfrentando algumas dificuldades com seu filho mais novo que tem problemas mentais e por isso já havia esquecido a sua infância e juventude. Ao longo do depoimento, ela se sentiu mais à vontade em falar sobre suas vivências, e no final me apresentou ao seu quintal, onde cria galinhas, planta banana, jaca, manga, e ingá, e se despediu com abraço carinhoso.

Dalva Silva (2000) ressalta as especificidades de cada entrevista, nas quais devemos perceber a relação entre a seletividade, a situação que o entrevistado se encontra no momento da narrativa e a composição de uma memória sobre as experiências passadas (SILVA, 2000, p. 192). Quando dona Marinalva se recusa lembrar o “tempo da roça”, não demonstra a falta de interesse na entrevista, como constatei inicialmente, mas a recusa de encarar lembranças do seu cotidiano rural. Além da influência do momento vivido por ela quando a entrevistei.

Dona Marinalva tinha consciência da ação que desenvolveria durante o rememorar o “tempo da roça”, tanto que inicialmente diz não se lembrar desta época. Ecléa Bosi (1994) constata no narrador a “plena consciência de está realizando uma tarefa” (BOSI, 1994, p. 39), o ato de lembrar “é uma paciente reconstituição” (BOSI, 1994, p. 39).

Outro entrevistado que resistiu em recordar o tempo em que viveu na roça foi seu Esmeraldo, hoje com 75 anos de idade, ele enfrenta muitos problemas de saúde. E no momento da entrevista tinha dificuldade em marcar um exame pelo Sistema Único de Saúde, na cidade de Itabuna, onde reside, mas especificamente no bairro Fonseca.

Seu Esmeraldo nasceu na zona rural de Canavieiras, onde morou com os pais e os irmãos durante sua infância, de lá ele percorreu muitos lugares exercendo serviços rurais, até se casar em Buerarema e ir para Itabuna, onde também demorou de fixar residência, passando por vários bairros, e trabalhando de ajudante de pedreiro. Depois migrou para São Paulo com sua família, esposa e filhos, acompanhando seu pai, lá se tornou metalúrgico. Porém com o falecimento de seu pai ele retorna a Itabuna, novamente residindo em alguns bairros, até construir um barraco no bairro Maria Pinheiro, onde viveu por vinte anos.

Mesmo fixando residência seu Esmeraldo não “parou”, ele passava um período em Itabuna e o restante do ano partia para São Paulo, na tentativa de ganhar mais e melhorar as condições de vida da sua família. No início da entrevista ele passou um bom tempo narrando seus problemas de saúde, do inchaço das suas pernas, devido a um problema de circulação, da

cirurgia cardíaca que realizou em São Paulo há pouco tempo, explicando a sua voz cansada, seqüela da cirurgia.

Durante a entrevista seu filho estava presente, Egnaldo¹, que contribuiu com esta pesquisa me apresentando aos migrantes que moram no bairro Maria Pinheiro e me acompanhando nas entrevistas. Este ficou impaciente com a longa narrativa do pai e perguntou sobre o tempo em que ele vivia na roça, assim o pai respondeu: “Sobre a roça, onde eu nasci eu não lembro de mais nada rapaz” (FRANÇA, 2010, Entrevista). Mas logo depois começou a falar sobre este tempo, contando muitos “casos” que lembrou em meio a risadas.

Talvez ele quisesse nos deixar cientes dos seus problemas atuais, antes de compor sua memória, prevenindo que poderia confundir suas lembranças, e/ou relacionar as doenças que lhe afligem aos anos de trabalho fosse estes na roça, ou nas cidades. Ou ainda não queria recordar de momentos difíceis como a morte de seu pai que emanou sentimentos antes adormecidos. Ao iniciar sua narrativa sobre o “tempo da roça” ele lembra que ajudava o pai (FRANÇA, 2010, Entrevista):

Um lugar chamado Esperança, onde eu nasci, perto do rio Pardo, sai de lá com uns doze anos, mais ou menos aí fui morar em Canavieiras e de Canavieiras eu vim pra aqui. Lá era trabalhando na roça de cacau e colhendo (risadas), meu pai trabalhava na roça e nós trabalhava mais ele, nós colhia cacau de enxada e de noite nos bandeirava (FRANÇA, 2010, Entrevista).

Seu Esmeraldo diz que de Canavieiras foi para cidade de Itabuna, em outro momento da entrevista ele fala que de Canavieiras foi para Sambaituba, zona rural do município de Ilhéus. No entanto ele explica posteriormente que o pai não quis ficar em Itabuna, pois gostava da vida na roça e por isso arrendou umas terras em Sambaituba.

As narrativas não seguem uma linha cronológica, os entrevistados vão percorrendo as lembranças e compondo sua memória com fatos que significaram seu cotidiano. Janaína Amado (1995) nos lembra da “capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos” (AMADO, 1995, p. 132), é o historiador que deve organizar as lembranças em uma linha temporal.

Na época retratada na narrativa, seu Esmeraldo e sua família viviam em uma propriedade cacauicultora e seu pai trabalhava para o proprietário das terras. Enquanto ele e o

¹ Egnaldo França é coordenador da ONG Encantarte que atua no bairro Maria Pinheiro.

irmão o ajudavam colhendo cacau, retirando os frutos com enxada durante o dia, e a noite bandeirando² os frutos, arrumando-os em pequenas porções, para facilitar o manejo.

A maior parte dos entrevistados tiveram em algum momento de suas trajetórias experiências de trabalho em propriedades cacauicultoras, como trabalhadores alugados, “aqueles que vivem sobretudo da venda da força de trabalho a grandes proprietários” (GARCIA JÚNIOR, 1999, p. 53).

Segundo Garcia Júnior (1999), o alugado trabalha mediante a diária ou empreitada, no primeiro caso recebe o pagamento por dia trabalhado. No segundo, recebe quando conclui a “empreita”, tarefa bem determinada pelo proprietário das terras, em ambas o pagamento é realizado em dinheiro (GARCIA JÚNIOR, 1999, p. 190).

É o caso de seu Valcir, hoje com 62 anos, está aposentado e não trabalha mais, devido a um acidente ocorrido na última fazenda em que trabalhou. Foi mordido por uma cobra há cerca de dois meses antes da entrevista, esta ocorrida na porta de sua casa no bairro Maria Pinheiro, ainda recordo o canto dos passarinhos e a brisa da árvore acima de onde nos sentamos.

Durante a maior parte da sua vida, seu Valcir trabalhou em propriedades cacauicultoras, nasceu na região de Poções, mas especificamente em Itajaí, mas quando jovem ele e a família foram para região cacauieira, onde percorreram inúmeras fazendas produtoras de cacau. Logo no início da entrevista, pedi a seu Valcir que falasse sobre a sua vida na roça e ele imediatamente introduziu o trabalho em sua fala:

Agente trabalhava de domingo a domingo, tinha colheita de cacau na segunda, terça, quarta, quinta, sexta, quando era dia de sábado, dia de quebrar cacau, começou, mas não terminou? No domingo: - Há tem que quebrar cacau, quebrar que amanhã é dia de colher, tem que quebrar. Aí agente ia, aí pronto tava liberado (...) todo trabalho de fazenda era plantar cacau, colher cacau, plantar bananeira, fazia todo serviço de roça, até hoje sei fazer tudo de roça, tudo que a senhora disser de roça eu sei: podar, eu sei plantar, roçar, eu sei colheita de cacau, secar cacau, eu faço tudo isso de roça (...) (NOVAES, 2010, Entrevista).

Seu Valcir inicia sua narrativa afirmando que ele, o pai e os irmãos trabalhavam “de domingo a domingo”, para ele o trabalho consumia todo seu tempo semanal, o quê explica a relação intrínseca cotidiano-trabalho presente em sua memória. Nem o domingo considerado por muitos um dia de descanso escapava do trabalho árduo, se não fosse concluída a quebra

² “**Bandeirar**. Juntar as cabaças [fruto adulto do cacauieiro] de cacau em pequenas rumas, que depois são levadas à pilha maior, onde são quebradas e descaroçadas” (NETO, Euclides. *Dicionareco das roças de cacau e arredores*. Ilhéus: Editus, 2002. p. 33). (Grifos do autor.)

do cacau, que segundo seu Valcir ocorria no sábado, o trabalho adentrava o dia de descanso. Percebemos como a semana era dividida entre a colheita e a quebra do cacau, de segunda a sexta trabalhavam na colheita, e o sábado era reservado para quebrar o fruto e retirar as amêndoas.

No momento em que lembra os seus conhecimentos do trabalho da roça, ele o faz com orgulho, há uma entonação mais forte em sua voz quando diz “sei fazer tudo de roça” (NOVAES, 2010, Entrevista). Estes serviços que desenvolvia na roça ainda estar muito recente em sua memória, pois como citei acima, no momento da entrevista ele havia deixado há pouco tempo o trabalho nas lavouras.

A memória carregada de orgulho também o identifica com o cotidiano e o trabalho rural, ele repeti a expressão “tudo de roça” várias vezes no sentido de enfatizar sua relação com o campo. Segundo Michael Pollack, “**a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade**, tanto individual como coletiva” (POLLACK, 1992, p. 204) (Grifo meu.).

Seu Valcir descreve também como realizava o trabalho, roçava que é a preparação da terra para o plantio, e/ou a retirada de vegetação envolta dos cacauais, plantava, podava³, colhia e secava o fruto. Seu Valcir também expressou o tempo da colheita em sua fala:

Tinha o mês da colheita começava em malço, abri, mai, junho, julho, setembro ia acabando, ia começar a podar, a fazer a limpeza, tirar galho essas coisa, plantar bananeira (...) plantava bananeira pra fazer sombra pro cacau (NOVAES, 2010, Entrevista).

Segundo estudo do SEI (Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia), o período de maior concentração de mão de obra em propriedades cacaucultoras é nos meses de dezembro a março, quando se dá a colheita do fruto (SEI, 2000, p. 59). Porém há dois períodos de produção do cacau, o temporão no primeiro semestre do ano, e a safra no segundo semestre (SANTOS, 1955, p. 29).

Dessa forma, seu Valcir se refere ao período da safra que é o de maior produção cacaueira. Após a colheita seu Valcir trabalhava na poda e no plantio das bananeiras, ou seja, desenvolvia a manutenção dos cacauais podando os galhos secos e doentes, além de plantar bananeiras para sombrear os cacauais.

³ Segundo a SEAGRI (BAHIA), há três tipos de podas: “A poda de formação serve para dar forma e equilíbrio à planta e consiste na retirada de brotos e galhos indesejáveis. A poda de manutenção dá condições de produção à planta, por meio de eliminação dos ramos doentes, secos, sombreados e malformados. A desbrota, uma poda superficial para a retirada de brotos-ladrões.” Disponível em: < <http://www.seagri.ba.gov.br/cacau1.htm>>.

O cultivo do cacau é uma lavoura permanente, uma “cultura de longa duração (...) após a colheita não necessita de novo plantio” (IBGE, 1960), assim já existe todo um cronograma de produção, expressado na fala de seu Valcir. No entanto quando se trata do tempo agrícola para lavouras temporárias, “culturas de curta duração (...) com necessidade de ser plantadas após a colheita” (IBGE, 1960). Segundo Garcia Júnior (1999, p. 107), o “tempo dos trabalhos agrícolas e dos produtos a agrícolas”, é um tempo que não seguiu necessariamente nosso tempo cronológico, mas a determinação da natureza.

A diferença entre o tempo agrícola das lavouras permanentes e das lavouras temporárias no cotidiano dos trabalhadores rurais é evidenciada nas narrativas de um casal de migrantes nascidos na região de Poções, nos arredores de Iguai, de onde migraram para São José do Colônia, na época distrito de Itororó, e desta localidade partiram para Itabuna. Dona Teodora e seu Adelfino, ou dona Dora e seu Delfino como são conhecidos no bairro Maria Pinheiro. Quando falaram sobre a divisão do tempo nos trabalhos na roça seu Delfino e dona Dora expressaram respectivamente:

Quem trabalha na roça não tem tempo certo pra trabalhar não, não tem tempo certo pra trabalhar, faz a terra e espera chover pra plantar (VIEIRA, 2010, Entrevista).

Lá era assim trabalhava a semana toda, quando era no dia de sábado agente ia cortar cacau pra entregar os home, quando era segunda-feira ia outra vez com o podão colher, quando era sexta-feira ia cortar de novo, era essa vida assim (...) e não era só agente não tinha outros que cortava e levava pra barça. Quem trabalhava de empreitada já entregava o cacau pronto, mas nós era dia (PINTO, 2010, Entrevista).

Seu Delfino hoje com 86 anos de idade e dona Dora com 80 anos de idade já estão aposentados, mas durante toda vida trabalharam com agricultura, em diferentes realidades. Já trabalharam como pequenos produtores nas terras do pai de seu Delfino, como meeiros plantando feijão, banana e mandioca, e a maior parte do cotidiano foi consumido pelo trabalho alugado, como explica dona Dora no final da sua narrativa eram diaristas, trabalhavam por dia e não por empreitada.

Entrevistei seu Delfino e dona Dora na sala da casa deles no mesmo momento, como preferiram, e foi uma experiência interessante, pois mesmo sendo casados há mais de cinquenta anos e tendo compartilhado muitas experiências de vida e trabalho, eles apresentaram opiniões diferentes, outras vezes semelhantes, evidenciando diferenças de gêneros que serão discutidas na terceira seção deste capítulo. Por enquanto vamos nos ater as diferentes percepções do tempo agrícola.

Seu Delfino se refere ao “tempo” que trabalhou de meia cultivando lavouras temporárias como citei acima, banana, feijão, mandioca, entre outras. Dessa forma, coloca no centro da narrativa a dependência do agricultor ao tempo da natureza, principalmente a espera pela chuva, para o homem fica a função do roçado e para natureza a distribuição das chuvas que determina o plantio. Em muitas regiões é comum o início do plantio do milho no dia de São José, santo católico, no mês de março, pois é quando se inicia os meses chuvosos. Seu José filho do casal se remete a este período:

O pessoal mais velho antigamente preparava a terra no mês de, nós tamo em janeiro, né? Janeiro, fevereiro, malço. Começava a preparar a terra pra malço, no mês de malço fazer o plantio. Porque dezembro, janeiro e fevereiro são meses quente né? Já nomes de malço é que a terra estava pronta pra plantar, chovia, molhava a terra, agente fazia o plantio (...) se a planta tivesse no jeito que o sol pegava não colhia nada, paciência, né
Priscila: E colhia quando?
Tinha o feijão de cinqüenta dia, sessenta dia e a mandioca como todo mundo sabe, a terra sendo boa com oito meses ela já tava quase, a pessoa não precisava esperar ela madura que ela já começava a ranca ela e já começa a cuidar pra fazer a farinha. O milho dá muito ligeiro, o feijão também é ligeiro, o jiló, o quiabo, que agente plantava tudo. E levamo a vida assim (VIEIRA, 2010, Entrevista).

Assim como o pai, seu José fala do tempo da meia, dos diversos cultivos que desenvolviam e da importância da chuva para o plantio, diferencia o mês de março, dos demais (janeiro e fevereiro) devido ao início das chuvas. Mesmo depois do plantio a natureza devia “ajudar”, pois o sol em excesso não era bom para as plantações.

Quando perguntei sobre o tempo da colheita, seu José se refere às lavouras temporárias que segundo ele oferece uma colheita “rápida”, facilitando a alimentação e o comércio nas feiras. Ele também lembra que isto é um ensinamento dos mais velhos, evidenciando a aprendizagem efetivada pelo pai, seu Delfino.

Dona Dora quando fala do tempo agrícola retrata a colheita do cacau, reproduzindo o cotidiano de seu Valcir, mesmo sendo de outra região baiana, de segunda a sexta colhia cacau com o podão, e sábado cortava cacau para retirar as amêndoas. Ela rememora que como eram diaristas, ela e o esposo, não eram responsáveis pela secagem das amêndoas, mas que tinha outros trabalhadores que trabalhavam de empreitada que entregavam o “cacau pronto”, ou seja, pronto para a exportação. Diferente de seu Delfino ela não traduz o tempo da natureza, mas o tempo cronológico já exercido no plantio do cacau.

A migrante Margarida, com 64 anos de idade, esposa de seu Esmeraldo, quando lembra o “tempo da roça” fala da época que vivia com sua família, pai, mãe e irmãos em uma

terra própria na zona rural de Buerarema. Uma terra que segundo ela era muito boa para o plantio, o quê ela demonstra na diversidade de cultivos, plantavam café, cacau, feijão, mandioca, abacaxi, milho, assim eles desenvolviam lavouras temporárias e permanentes. Dona Margarida assim como seu Delfino apresenta uma concepção do tempo da natureza:

Meu pai sabia a época de plantar, porque no claro não plantava não, plantava no escuro, quando a lua tava boa, quando tava no turvo (...) porque quando a lua ta fora é ruim plantar, porque bicha tudo, dá lagarto nas planta, acaba com a planta, aí ele só plantava quando a lua tava no escuro, aí ele começava a plantar, aí não bichava (FRANÇA, 2010, Entrevista).

Dona Margarida também expressa a relação entre o plantio e a natureza, mas diferente de seu Delfino que fala sobre a importância da chuva, ela narra a preocupação de seu pai com a lua. O tempo do claro, quando não podia plantar, é o período da lua cheia, por isso ela diz que estava claro e se plantasse daria pragas nas plantações. O tempo do escuro, o “tempo turvo”, quando o pai plantava, era porque a “lua tava boa”, o período da lua nova⁴, no qual as plantações floresciam e frutificavam.

Dona Gessília também migrante de Buerarema, onde nasceu e trabalhou durante a infância e a juventude em propriedades cacauicultoras de outrem, retrata também como seu Valcir o trabalho nas lavouras como consumidor de todo cotidiano, quando fala sobre sua vida na roça:

agente trabalhava pros outros, era capinando, era limpando cacau (...) trabalhava em chuva, sol, não tinha hora pra me ir, não tinha hora pra voltar, tivi meus filho tudo em fazenda (SOUZA, 2009, Entrevista).

O depoimento acima retrata o cotidiano difícil dos lavradores rurais, as expressões “sol”, “chuva”, “hora pra ir”, “hora pra voltar”, assume temporalidades deste trabalho que na visão de dona Gessilia era constante, colocando o trabalho nas lavouras no centro do seu cotidiano.

Dona Gessilia constrói a relação trabalho-vida em sua narrativa: “tivi meus filho tudo em fazenda”. Quando fala do contexto da lavoura cacauieira, ela introduz o nascimento dos seus filhos neste processo. Para ela foram acontecimentos importantes que marcaram sua história. O casamento e os nascimentos dos filhos são considerados pelas mulheres marcos em suas vivências.

⁴ Milton Santos também demonstra a preocupação dos cacauicultores com os períodos da lua, sendo a lua nova o melhor período para o plantio de cacau (SANTOS, 1955, p. 26).

No meio da entrevista quando expressava sua vida nas propriedades rurais ela recorda que dois dos seus filhos já faleceram, olha melancolicamente para sua neta que se encontra em seus braços durante o depoimento, e fala sobre a morte recente da mãe desta criança, sua filha. Ao rememorar o “tempo da roça” dona Gessilia relaciona o seu passado rural, e neste contexto o nascimento dos filhos, com os acontecimentos recentes na sua vida, o falecimento de dois filhos.

Portelli (2001) ressalta a importância de compreender a linguagem do corpo que não fica registrada na gravação, mas na memória do entrevistador, pois “uma performance se transforma em um texto” (PORTELLI, 2001, p. 24). Segundo Janaína Amado (1995), o historiador necessita perceber a dimensão simbólica da entrevista para “rastrear as trajetórias inconscientes das lembranças (...) compreender os diversos significados que indivíduos e grupos sociais conferem às experiências que tem” (AMADO, 1995, p. 135).

O ato de rememorar o “tempo da roça” se relaciona com o momento presente que os entrevistados vivenciam e este presente motiva ou desmotiva este ato de lembrar. Assim alguns entrevistados se recusam inicialmente a lembrar desta temporalidade, outras razões também resultam nesta recusa, como a falta de proximidade com o entrevistador, ou até mesmo os sentimentos emanados pelas lembranças.

A memória do “tempo da roça” constrói uma relação intrínseca entre cotidiano e trabalho, quando iniciam as narrativas sobre a vida na roça, os depoentes seguem o percurso do trabalho que se mistura com a própria trajetória dos migrantes. Estes significam o tempo do trabalho, ora guiado pelo tempo da natureza, ora pelo tempo dos homens, o controle dos cacauicultores.

Assim, aqueles que trabalhavam com suas próprias plantações conviveram com as determinações da natureza, esperando chover para plantar. Outros que trabalhavam em propriedades cacauicultoras lembram o tempo do trabalho rural orquestrado por uma cronologia da colheita e venda dos cacauais.

Referências

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação e história oral. *História*, São Paulo, UNESP, n. 14, 1995.

BAHIA. Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária – SEAGRI. *Cultura de cacau*. Salvador: SEAGRI. Disponível em: <<http://www.seagri.ba.gov.br/cacau1.htm>>.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Memória de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GARCIA JÚNIOR, Afrânio Raul. *O Sul: caminho do roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. São Paulo: Marco Zero, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo Agrícola 1960 – VII Recenseamento Geral do Brasil*. Serie Nacional, v. 11, I parte. Rio de Janeiro: IBGE, 1960. Disponível na internet in: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

PORTELI, Alessandro. História oral como gênero. *Projeto História*, São Paulo, n. 22, jun. 2001.

NETO, Euclides. *Dicionareco das roças de cacau e arredores*. Ilhéus: Editus, 2002.

SANTOS, Milton. *Zona do cacau: introdução geográfico*. Salvador: Artes ao estudo Gráficas, 1955.

SILVA, Dalva Maria de Oliveira. Algumas experiências no diálogo com memórias. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'água, 2000.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA - SEI. *Mão de obra agrícola na Bahia*. Salvador: SEI, 2000. Disponível em: <<http://www.sei.ba.gov.br/>>.

Entrevistas

FRANÇA, Esmeraldo Ferreira. Itabuna, 2010. Entrevista concedida a Priscila Santos da Glória.

FRANÇA, Margarida Rocha. Itabuna, 2010. Entrevista concedida a Priscila Santos da Glória.

NOVAES, Valcir José. Itabuna, 2010. Entrevista concedida a Priscila Santos da Glória.

PINTO, Teodora Pacheco. Itabuna, 2010. Entrevista concedida a Priscila Santos da Glória.

SANTOS, Marinalva Fernandes dos. Itabuna, 2010. Entrevista concedida a Priscila Santos da Glória.

SOUZA, Gessília. Itabuna, 2009. Entrevista concedida a Priscila Santos da Glória.

VIEIRA, Adelfino Martins. Itabuna, 2010. Entrevista concedida a Priscila Santos da Glória.

VIEIRA, José Pinto. Itabuna, 2010. Entrevista concedida a Priscila Santos da Glória.